

PARECER

A/C: Coordenador Paulo Carrano

Ao longo do período de 01 de agosto de 2021 a 31 de julho de 2022, Guilherme Milner participou das reuniões do nosso grupo de pesquisas Grupo Alteridade Psicanálise Educação – GAPE/UFF-CNPQ; também participou das reuniões de orientação individual e coletiva, tendo apresentado seu projeto intitulado “Entre o caso “Realengo” e “Suzano”: um olhar sobre os mass shootings ocorridos em unidades de ensino” ao grupo de pesquisas. Entregou o relatório final que foi discutido com a orientadora e reformulado a quatro mãos, resultando em artigo redigido em coautoria comigo que está em processo de submissão em revista qualificada.

Portanto, emito parecer favorável para fins de conclusão de estágio pós-doutoral, sendo considerado aprovado.

Niterói, 20 de dezembro de 2024.



Documento assinado digitalmente
MARILIA ETIENNE ARREGUY
Data: 04/05/2025 11:44:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marília Etienne Arreguy

Professora Associada IV

SIAPE 3374027

O BODE EXPIATÓRIO: A BUSCA DOS CULPADOS PELA IMPRENSA APÓS OS *MASS SHOOTINGS* EM UNIDADES DE ENSINO

Guilherme Nogueira Milner (FeUFF)

Nada além do amor é o que parece
Please the ones you love before you miss'em
Toda a minha dor na minha prece
Win my chances back
'Cause life is short but it's never late!
(Angra – Late redemption)

Nosso título, não ignoramos, em primeira leitura parece problemático. Principalmente se for considerado e lido de forma demasiada simplista. Certamente, poderíamos argumentar, o culpado de um assassinato é – basicamente – aquele que puxa o gatilho. Correto? Sem dúvida, todavia, essa questão não encerra por aí. Quando lemos distintas notícias sobre chacinas – *mass shootings* – ou sobre *serial killers*, *spree killers*, etc, como veremos pouco mais adiante, é possível verificar uma forte necessidade da imprensa em localizar esses culpados para além dos atiradores e que, curiosamente, costumeiramente não param no artefato utilizado dentre os que são responsáveis por ceifar as vidas das pessoas. Entendemos, inicialmente, portanto, essa “busca dos culpados pela mídia” mais como um sinônimo para “busca da motivação”; “dos motivadores”, que ultrapassa em muito a questão das armas já que essas, em sociedades cujo *lobby* da indústria armamentista parece sempre crescente, ajuda a tornar inadmissível que estas possuam parcela de culpa a modo que a aquisição de armas precise ser, de alguma forma, controlada. É assim que existe toda uma busca por diversos outros culpados; uma busca de a até z, que é para onde, nesse estágio da nossa atual pesquisa, voltaremos nossos olhares.

Em 1999, ainda na época em que a *world wide web* estava longe de ser o que é hoje ao nos referirmos à difusão de notícias; eventos e conhecimentos, um dos telejornais de maior audiência da televisão brasileira, em horário nobre, noticiaria – não o primeiro¹ mas até hoje – um dos mais populares massacres ocorridos dentro de uma unidade de ensino nos Estados Unidos da América, a *Columbine High School*, no estado do Colorado. Incontável literatura sobre o tema – sem falar entre documentários e outras produções audiovisuais – foi produzida nos últimos vinte anos sobre o caso e poderíamos elencar alguns. A saber e a título de exemplificação: Dave Cullen publicaria, em idos de 2009, após dez anos de pesquisa desde o

¹ Uma fonte [duvidosa] reúne informações sobre *mass shootings*. Ver: <https://k12academics.com/school-shootings/history-school-shootings-united-states> último acesso em: 17/04/22

atentado, o seu *Columbine*²; Sue Klebold, mãe de um dos atiradores, em 2016 publicaria o seu *A Mother's Reckoning: Living in the Aftermath of Tragedy*³, que a levaria posteriormente em palestras ao TEDMed falando sobre saúde mental e suicídio⁴, em um diálogo sobre a agressão do suicida-homicida, algo próximo ao que o psiquiatra Karl Menninger (2010) consideraria em *Eros e Tanatos*; por fim, uma última obra interessante sobre o ocorrido leva o nome de *No Easy Answers: The Truth Behind Death at Columbine High School*, um de seus autores, ele próprio sobrevivente do massacre, Brooks Brown (2004), trazendo sua visão “de dentro” sobre a cultura do bullying escolar que rondava a sua instituição de ensino.

Enfim, se quiséssemos destacar e analisar os acontecimentos pré e/ou pós atentado de Columbine, certamente, o que não nos faltaria é literatura sobre o tema. Todavia, considerando este atual momento do nosso ainda embrionário trabalho, nossa proposta tem a pretensão de olhar com maior destaque as fontes jornalísticas sobre o debate e achamos de bom tom trazeremos para a discussão introdutória as informações conforme apresentadas ao público na época, através da transcrição⁵ da reportagem veiculada no telejornal Jornal Nacional, disponibilizada na internet pelo “Memória Globo”, parte do sítio da Globo.tv⁶. Em um dos vídeos, com um minuto e dezenove segundos de duração, escutávamos da cobertura do jornalista Roberto Cabrini, com introdução da âncora Fátima Bernardes:

Tiroteio e pânico em Denver, nos Estados Unidos. É a maior tragédia da série de atentados adolescentes em colégios americanos. Jovens mascarados, estudantes da própria escola, invadem o refeitório atirando. Vinte e cinco pessoas morreram, dezenove estão feridas. A polícia cercou o prédio, conseguiu tirar lá de dentro a maioria dos estudantes e professores mas os atiradores ainda mantiveram reféns na escola. Um momento dramático: estudante baleado numa janela do terceiro andar pede ajuda; cai em cima dos policiais. Estudantes que viram os atiradores disseram que eles entraram na escola na hora do almoço. Usavam máscaras e capas pretas compridas até o chão; dentro das capas escondiam metralhadoras, armas automáticas e bombas. O alvo eram principalmente [sic] os estudantes negros e hispânicos. Algumas

² Em português, disponível pela Darkside Books. Ver: CULLEN, Dave. *Columbine*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019.

³ KLEBOLD, Sue. *O acerto de contas de uma mãe. A vida após a tragédia de Columbine*. Campinas, SP: Verus, 2016.

⁴ Ver:

https://www.ted.com/talks/sue_klebold_my_son_was_a_columbine_shooter_this_is_my_story?language=pt
último acesso em: 17/04/22

⁵ Fizemos a transcrição do áudio sem diferenciar a fala de um ou outro jornalista, com a finalidade de focar somente no conteúdo. Utilizamos a pontuação apropriada passando do relato oral para o escrito, tentando respeitar ao máximo a integridade do conteúdo.

⁶ <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-de-columbine/noticia/massacre-de-columbine.ghml> último acesso em: 19/04/2022

testemunhas dizem que os atiradores seriam estudantes da última série do segundo grau e fariam parte de uma gangue de adolescentes conhecida como “máfia da capa preta”. Enquanto os atiradores se mantinham entrincheirados dentro da escola, a polícia prendeu três suspeitos em um descampado atrás do prédio. Seriam amigos dos atiradores.

Sabemos hoje que, boa parte, quase a totalidade dessas informações, estão equivocadas. Um breve estudo e leitura sobre o caso de Columbine nos faz compreender que os alvos dos atiradores não eram hispânicos e negros (este último grupo, um morto entre as treze casualidades), mas, sim, a violência teria sido mais direcionada contra os atletas e as alunas – mulheres – da escola. Outra associação desvirtuada seria a da tal “máfia da capa preta”, tratada por uma gangue que ambos os atiradores nunca frequentaram e com quem nunca tiveram qualquer relação direta. Todavia, dessa forma é que teria sido noticiado o caso e, mesmo anos depois, a página da cobertura do caso no “Memória Globo” reforça algumas dessas informações. Dito isso, verificamos um segundo vídeo, que leva a legenda afirmando que “no final da edição do Jornal Nacional, Fátima Bernardes dá as últimas informações sobre o massacre na escola de Columbine [...]”. Do vídeo de dezoito segundos, escutamos dessa vez:

E agora novas informações sobre o atentado na escola de Denver, nos Estados Unidos. Quatro horas após os primeiros tiros a polícia entrou no prédio; encontrou os corpos dos dois suspeitos na biblioteca. A polícia diz que eles cometeram suicídio. Dentro da escola há no mínimo vinte e cinco mortos.

Continuando a cobertura, a mesma página de onde assistíamos os vídeos nos lembraria que até aquele momento “não se sabia o número de mortos e nem a identidade dos autores do massacre”, já que as primeiras notícias do atentado exibiram imagens fornecidas por agências internacionais. Sobre a identidade dos atiradores, a emissora em questão só anunciaria na manhã no dia seguinte, em reportagem do mesmo Cabrini, trazendo uma foto de Eric Harris e outra de Dylan Klebold. Seria ainda exibido pelo noticiário, de acordo com a página, o pronunciamento do presidente na época, Bill Clinton⁷. Interessante notar que, ao longo da *press-conference*, um dos repórteres cita diversos casos de atentados em cidades norte-americanas e pergunta ao presidente se ele caracterizaria esses eventos como uma “epidemia” que estaria afetando “o sistema escolar da nação” [tradução nossa, livre]. Por sua vez, o

⁷ Pode ser acessado na íntegra através da plataforma do Youtube;
https://www.youtube.com/watch?v=sQX8KNXP14w&ab_channel=clintonlibrary42 último acesso em: 22/04/2022

presidente em exercício respondia "não querer usar essa palavra", afirmando ainda ter conversado com uma congressista, viúva pela perda do seu marido em um “*shooting incident*”, que eles deviam ao povo da cidade do massacre um momento para passar pelo luto e que “o resto de nós têm a responsabilidade de fazer tudo o que for possível para que 1999 não tenha uma erupção desses casos e que nós sejamos mais eficazes para impedir isso”. A essa resposta, um outro jornalista é incisivo ao afirmar que, toda vez que uma dessas coisas acontece, há esse curso de afirmar a necessidade de impedir esse acontecimento novamente, e chega a perguntar se há algo específico/concreto que o presidente gostaria de ver acontecer que não aconteceu ainda. Este, novamente, saindo do assunto, diz que, apesar de reconhecer a existência de um plano, ele gostaria de tirar alguns dias para saber “quais são os fatos ali”. Devemos notar que em nenhum momento algo simples como controle de armas surgiu como tópico e tampouco uma possível solução.

Retornando, foi somente no dia seguinte ao atentado que algumas informações começariam a ser verificadas e passadas de forma correta, começando pela identidade dos atiradores e o real número de mortos. Ao mesmo tempo, começaria o que distintos artistas que tiveram seus nomes ou suas obras associadas aos atiradores chamariam de a necessidade que o *mainstream* estadunidense tem de achar – ou procurar – um bode expiatório para os defeitos de seu sistema. Direto de Nova York, Edney Silvestre “preparou uma reportagem para o Bom Dia Brasil, mostrando que os assassinos poderiam ter se inspirado no figurino dos personagens do filme Matrix (1999), que também escondiam armas sob as vestes negras”. O mesmo Edney Silvestre assinaria ainda duas reportagens que seriam transmitidas novamente no Jornal Nacional, datadas de 23 de Abril e 29 do mesmo mês. A primeira, informava na voz da âncora que a polícia americana investigaria a participação de pais de alunos no massacre de Denver, seguindo novas divulgações de imagens do fatídico dia. Após a apresentação do arsenal que teria sido utilizado pelos assassinos, o repórter entraria no cerne da questão sobre o controle de armas nos Estados Unidos, afirmando que “as escolas americanas tiveram a segurança reforçada depois do massacre de Denver, mas as leis favorecem a posse de armas. Os americanos tem 250 milhões de armas em casa; uma para cada habitante”.

Uma segunda reportagem de Silvestre para o Jornal Nacional, disponibilizado na Memória Globo, datado de nove dias após a chacina de Columbine, trataria sobre a onda de violência e “*copycat effect*”⁸ que estaria causando histeria nas comunidades, ou, nas palavras do repórter, “no limite da paranoia”:

⁸ Termo utilizado por nós e não pelo jornalista.

Uma onda de violência juvenil ameaça a América do Norte. Adolescentes nos Estados Unidos e no Canadá tentam imitar as ações criminosas dos estudantes da escola de Denver. No Canadá o tiroteio terminou com um estudante morto e outro ferido. O assassino era um colega de quatorze anos que foi preso. Foi o primeiro caso de violência em escola canadense em vinte anos. Na Califórnia, estes dois adolescentes tinham mapas para explodir a escola deles. Nesta escola de Nova York, cinco alunos se preparavam para explodir bombas e fuzilar os outros estudantes. Foram denunciados por um colega. O mapa mostra o número de casos em apenas uma semana. Só na Pensilvânia foram mais de cinquenta ameaças. Os psicólogos acham que é um perigo real. Os jovens tendem a imitar comportamentos que admiram. Quando estão inseguros, solitários e têm muita raiva reprimida, podem ver os atiradores de Denver não como assassinos mas como exemplos a serem seguidos. Na tentativa de evitar novas tragédias, os americanos estão no limite da paranoia. Professores incentivam colegas a denunciar colegas. Estudantes chegaram a ser presos por causa de trotes ou brincadeiras de mau gosto. Detectores de metais foram instalados em várias escolas. Algumas proibiram os estudantes de usar mochilas. É que dentro delas pode estar uma bomba.

Esse prelúdio nos leva para a última reportagem dessa série que, ao nosso ver, é importante por ter sido veiculada em um dos programas dominicais de maior sucesso da emissora. Claro, também, por ter abordado “mais profundamente” o massacre de Columbine, ou melhor, ao menos aos olhos do público, isto é, trazendo a identidade dos estudantes, suas supostas motivações, etc, em uma matéria de sete minutos que, novamente, recorria àquela premissa lógica de procurar bodes expiatórios para o problema do sistema, como afirmávamos pouco antes, uma tendência muito criticada pelos artistas e intelectuais que viram suas obras sendo utilizadas como motivadores de crimes: desde os filmes, passando para videogames; e chegando até as músicas.

A matéria de sete minutos do *Fantástico*, apresentada pelo popular jornalista Pedro Bial, seguia em linhas gerais a tendência apresentada pela mídia americana. Essa era duramente (e bastante) criticada pelos músicos e artistas em geral. Entrevistam um ou outro conhecido ou suposto conhecido dos atiradores expondo seus hábitos e, por fim, atribuíam a culpa a jogos de videogame como *Doom* e ao filme *Matrix*. Afirmavam que os atiradores adoravam Hitler e odiavam negros, hispânicos e, principalmente, “seus rivais na escola”, os atletas. Outro culpado – citado pelo nome – seria o “rock do Marilyn Manson” e a cultura gótica. Houve, inclusive, uma associação com a data de aniversário do líder do partido nazista alemão. Tal encaminhamento dos fatos e as justificativas encontradas para o massacre segue aquela mesma – e por nós já considerada – tendência que o *mainstream* americano tem de tentar achar um bode expiatório

para os defeitos do seu sistema sem, é claro, atingir aquilo que realmente parece ter sua parcela de culpa. Talvez um sistema capitalista competitivo e predatório que julga e exclui tudo aquilo que é desviante e diferente, ou, tudo aquilo que não faz parte da norma, do padrão, e que carece de oportunidades iguais para todos apesar de afirmar, como um mantra, *ad nauseam*, que “o sol nasce para todos”. Ou ainda, obviamente, a falta de controle nas aquisições e vendas de armas de fogo. Outro tópico que pareceu ser evitado tanto por políticos ditos democratas quanto republicanos.

Poderíamos notar e afirmar, sem nenhuma distância de percepção da realidade naquela época e em uma premissa argumentativa absolutamente simples, o circo midiático que foi se montando internacionalmente ao redor do assunto e, claro, justificado também pelo interesse da população na situação. Ora, aqui, só considerando alguns telejornais da Rede Globo – e nem ao menos entrando nos jornais e revistas de suporte físico –, eram diversas notícias e reportagens sendo veiculadas regularmente trazendo todo e qualquer tipo de informação sobre o ocorrido: desde teorias conspiratórias que faziam associações dos atiradores com gangues ou as motivações originadas em músicas e jogos de video-game até outros atentados que ocorreram influenciados por Columbine. As mais distintas narrativas sobre os atentados dentro de colégios – e principalmente sobre os seus autores –, boas ou não, justas ou não, vinham sendo construídas midiaticamente. Sem dúvida, é um assunto que consegue chamar atenção pela brutalidade envolvida, pelo espaço em que ele ocorre – o ambiente escolar – e pelo tipo de vítimas e perpetradores: crianças e adolescentes.

Sabemos e já nos ocupamos de falar que Columbine não foi o primeiro *mass shooting* do gênero nos Estados Unidos da América e também não foi o mais letal. Inclusive, uma busca através de indexadores de conteúdo e endereços de portais jornalísticos renomados na internet nos fornecem algumas informações pertinentes. Por exemplo, de acordo com a BBC Brasil e com o portal G1 da Globo, as manchetes imediatamente trazem um choque de realidade para todos aqueles que acreditam que tais eventos são raros ou realmente situacionais: “EUA tiveram mais de 2.000 ataques a tiros em escolas desde 1970”⁹. Ainda de acordo com a linha fina da matéria, a cifra calculada pelo Centro de Defesa e Segurança Interna da Escola de Pós-Graduação Naval em Monterey, Califórnia, leva em conta todos os incidentes envolvendo armas de fogo¹⁰. Os

⁹ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/05/27/eua-tiveram-mais-de-2-000-ataques-a-tiros-em-escolas-desde-1970.ghtml> e <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61596579> último acesso em: 09/06/22

¹⁰ Ao final da notícia, o texto lido é pouco diferente, mas complementa: “Segundo a ONG Gun Violence Archive, que contabiliza dados de violência por armas de fogo nos EUA, foram 2.000 tiroteios em massa desde 2012 — a entidade considera ‘tiroteio em massa’ quando mais de quatro pessoas foram feridas ou mortas, excluindo o perpetrador do ataque.”

dados são utilizados, justamente, para ilustrar a situação do bélico país após um dos mais mortais atentados que teria vitimado dezenove crianças e dois professores, ocorrido em Uvalde, no Texas, datado de 24 de maio de 2022 (três dias antes da postagem no portal).

Interessante ainda pontuar, como parte da cobertura midiática desse evento ocorrido no ano desta redação, o portal da Istoé Dinheiro¹¹, reproduzindo matéria da Deutsche Welle, argumenta sobre uma “banalização dos massacres em escolas dos EUA”. Claro, se preocupa em, depois de apresentar um pouco dos fatos do massacre recente, traçar um percurso diacrônico através dos outros acontecimentos, contudo, o que mais nos interessa aqui, talvez, seja a recuperação das falas do governador do Texas e do presidente em exercício dos Estados Unidos. Lemos:

Visivelmente abalado, o presidente Joe Biden fez um apelo por um maior controle no acesso e comércio de armas de fogo nos Estados Unidos.

“Quando, em nome de Deus, vamos enfrentar o lobby das armas? Quando, em nome de Deus, vamos fazer o que todos nós sabemos que precisa ser feito?”, questionou Biden na noite desta terça, logo após retornar de uma viagem de cinco dias à Ásia. “Estou cansado disso. Temos que agir. E não me digam que não podemos ter um impacto nessa carnificina.”

[...] Após o ataque, o governador Greg Abbott, um republicano pró-armas, se limitou a publicar uma carta com 40 recomendações focadas no aumento da segurança armada em escolas e na identificação de crianças e adolescentes com problemas mentais. Seu governo não tomou medidas para dificultar o acesso a armas de fogo.

Destacamos esses dois trechos que, em nossa concepção, até nos ajudariam a concordar – de certa forma – com o título da matéria colocando em pauta uma suposta banalização dos massacres em unidades escolares. Essa banalização, inclusive, poderíamos afirmar que segue caminhando paralelamente ao cansaço do meio jornalístico norte-americano em cobrir tais eventos. Algo não muito difícil de perceber se compararmos com a cobertura e a popularidade dada ao evento em Columbine, décadas antes (e nem precisaríamos comentar sobre todo o material literário – psiquiátrico, biográfico, etc – que o evento também gerou sobre os atiradores). Aqui, (in)felizmente, não estão apresentadas teorias conspiratórias dos jornalistas e sobreviventes; ou ainda associações entre tão surreal ato e os gostos musicais, ou preferências por determinados video-games, de seus perpetuadores. Podemos notar uma severa queda no interesse do perfil – dos hábitos e dos costumes – do assassino se compararmos com as publicações anteriores à cobertura midiática que acompanhava o massacre perpetrado por Eric

¹¹ <https://www.istoedinheiro.com.br/a-banalizacao-dos-massacres-em-escolas-dos-eua/> último acesso em: 11/06/22

Harris e Dylan Klebold (Columbine). Basicamente há somente o nome de quem cometeu o atentado e algumas informações básicas. Há, ao contrário, uma ida direta ao que seria – supostamente – o cerne do problema de um “país tão bélico”, como é chamado em alguns textos, inclusive, aquele que, anteriormente, foi por nós pontuado por não ter entrado no discurso do presidente à época do atentado no Colorado: a questão do controle das vendas de armamentos e da facilidade de aquisição das mais distintas armas; dos mais distintos calibres.

Chegamos até aqui e até esse momento para podermos seguir, enfim, nosso percurso saindo dos Estados Unidos da América e dos eventos que lá ocorreram para chegarmos em solo nacional. Se no país supracitado existe essa facilidade de adquirir armas de fogo – legalmente – praticamente em qualquer loja de departamento, o caso brasileiro é - ou era? - um pouco diferente. Seria até interessante aqui pensarmos um pouco mais dessa “história do armamento no Brasil”, ou melhor, tecermos alguns comentários dessa mudança em termos diacrônicos da aquisição e porte de armas em terras canarinhas. Contudo, poderíamos melhor resumir sem prejuízo de compreensão que há enormes entraves burocráticos se comparados com o vizinho do norte na obtenção – legalmente falando – de armas de fogo por aqui. E claro, talvez seja esse um dos principais motivos que, se lá a situação chega em uma “banalização” de tais eventos, termo empregado no artigo, que ultrapassa a contagem de 2000 casos, aqui, contudo cada caso desses, certamente mais raros e esporádicos, longe de banalizados, continuam chamando atenção massivamente da mídia ao sinal de qualquer acontecimento ou apenas mesmo de ameaças.

Em nossos questionamentos iniciais, não ignorávamos que os perpetradores de massacres eram, de certa forma, também, suicidas. Me baseando em trabalhos anteriores¹², já tentava pontuar uma diferença, sutil mas importante, que existe entre querer estar morto, querer morrer e querer se matar. O querer se matar, exigiria um nível além de paixão e de uma violência que é bem direcionada. Costumamos acreditar que o suicídio não era, de forma nenhuma, resultado de uma passividade, ao contrário, era resultado de uma ação, direta e que “requer uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença na permanência do momento atual e pelo menos um toque de impulsividade”. (SOLOMON, 2015, p.233). Entendo, agora, os perpetradores de massacres como esses suicidas que não direcionam a violência só contra si próprio, mas, antes, contra os outros também. Não é possível ignorar que parte deles tiram a própria vida no último ato de seus atentados. Lembramos ainda de Freud, em 1917, ao pensar os fatores psicológicos do suicídio, em “Luto e Melancolia”, declarando sua crença de que tal

¹² Ver: MILNER, Guilherme Nogueira. Quando a tinta acaba: o suicídio e o deixar-se morrer em Amor de Perdição. Niterói, 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

ação representa um tipo de agressividade que se volta para dentro, para si: “Há muito sabíamos que nenhum neurótico abriga propósitos de suicídio que não estejam voltados para si a partir do impulso de matar os outros” (FREUD, 2011, p. 69). Perceberíamos o suicídio, então, como um impulso assassino de um indivíduo contra o outro, mas, decerto, desferido pela própria pessoa contra si e, assim, questionaria a existência de um suicida sem o desejo anterior e reprimido de matar um terceiro. Parece inegável a possibilidade de traçarmos um paralelo entre os suicidas, os que atentam contra si, e os atiradores em massacres escolares... mesmo aqueles que não chegam ao suicídio de fato (seja por intervenção policial bem-sucedida ou por qualquer outro motivo).

Encerrando esse tópico e passando de Freud para Karl Menninger, autor de *O homem contra si próprio*, pensava a morte-voluntária como um homicídio invertido devido à raiva do paciente contra outra pessoa e, assim sendo, coincidiria da soma do desejo de matar, o desejo de ser morto e o desejo de morrer (MENNINGER, 2010). Algo próximo ao que G.K. Chesterton escreveria: “o homem que se mata, mata todos os homens; no que lhe diz respeito, ele elimina o mundo” (apud SOLOMON, 2015, p.241).

Buscamos essa associação entre o suicida e o homicida após considerarmos as questões sobre a facilidade de aquisição de armas de fogo em alguns lugares em comparação com outros e, portanto, a maior – e praticamente lógica – incidência de eventos com armas de fogo envolvidas nos lugares onde elas são mais facilmente adquiridas. Uma nova ponte com os estudos sobre o “ato de suicídio”, como nos diz o título de um dos capítulos de Erwin Stengel para o *Suicídio e tentativa de suicídio*, sua primeira colocação parece refletir claramente o que estamos pontuando: “É pequeno o número de métodos típicos de suicídio, e a escolha depende em parte da sua disponibilidade” [grifos nossos] (STENGEL, 1980, p. 39). Ao analisar quadros com métodos de suicídio por 1000 mortes nas décadas de 55 e 65 do século XX, na Inglaterra e País de Gales, de um lado, e nos Estados Unidos da América, do outro, percebe que

[...] onde a posse de armas de fogo sem licença especial é proibida, os suicídios com tiros são raros, ao passo que são vulgares nos Estados Unidos, onde as restrições à posse de armas de fogo não existem ou são ignoradas. No entanto, a facilidade de acesso não decide por si só a escolha entre os diversos métodos. (ibidem)

O autor encerra esse seu último argumento considerando que, caso fosse a facilidade de acesso o principal motivo a escolher determinado método, sem dúvidas o afogamento ou a queda de lugares altos iria figurar em quase todos os topos de lista dos métodos de suicídio. Em outro tópico, para nós, aqui, não parece impossível retorquir um pouco essa colocação sobre a questão

da facilidade de aquisição de armas de fogo e sua relação direta com o método de suicídio se considerarmos que os países entre os quais existem menos entraves legais para a aquisição de armamentos são também aqueles com um maior número de *mass shootings* em unidades escolares. Isso se confirma ao compararmos os números dos atentados com armas de fogo em escolas nos Estados Unidos e no Brasil.

Então, se as notícias sobre os atentados no país ao norte trazem normalmente uma retrospectiva dos atentados a cada um novo, como a última notícia citada que elenca, por exemplo, primeiramente, Columbine; depois o massacre de Virginia Tech (o mais letal entre eles, com 33 mortos e outros 33 feridos); Sandy Hook, 26 mortos; o atentado em Parkland, com 17 casualidades e, ainda, um em Santa Fé, com 10 óbitos... aquelas referentes ao Brasil não deixariam também de trazer uma revisão dos casos. No jornal baiano *Correio*, aparece a preocupante manchete “Brasil tem triste sina de ataques em escolas”¹³. O artigo foi escrito após um caso de ataque em Florianópolis que chacinou três bebês e duas professoras. Reproduzimos integralmente seu texto dada a importância dessa lista para nossos argumentos:

*Suzano, 2019 - Um adolescente de 17 anos e um homem de 25 invadiram a Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP) e mataram sete pessoas, cinco estudantes e duas funcionárias. Os dois autores do atentado eram ex-alunos;

*Medianeira, 2018 - Um adolescente de 15 anos invadiu o Colégio Estadual João Manoel Mondrone, em Medianeira (PR) e atirou nos colegas de classe. Duas vítimas ficaram feridas;

*Janaúba, 2017 - Oito crianças e uma professora morreram após um segurança colocar fogo no Centro Municipal de Educação Infantil Gente Inocente, em Janaúba (MG);

*Goiânia, 2017 - Um estudante de 14 anos atirou em colegas no colégio Goyases, escola particular de Goiânia (GO), matando dois colegas e ferindo outros quatro;

*Santa Rita, 2012 - Dois adolescentes de 16 e 13 anos promoveram um tiroteio na Escola Estadual Enéas Carvalho, em Santa Rita, na Grande João Pessoa (PB). Três estudantes ficaram feridos;

*Realengo, 2011 - Um ex-aluno de 23 anos invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo (RJ), matou 12 crianças e feriu outras 13;

*Corrente, 2011 - Um adolescente de 14 anos matou um colega com golpes de faca em Corrente (PI). O agressor alegou que sofria violência física e verbal diariamente da vítima;

*São Caetano do Sul, 2011 - Um estudante de 10 anos da Escola Municipal Alcina Dantas Feijão, em São Caetano do Sul (SP), atirou na professora e depois se matou. Ela sobreviveu;

¹³ <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/brasil-tem-triste-sina-de-ataques-em-escolas/> último acesso em: 13/06/2022

*Taiúva, 2003 - Um ex-aluno atacou a Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz, em Taiúva (SP), ferindo cinco alunos, uma professora e dois outros funcionários. As vítimas sobreviveram, mas um dos estudantes ficou paraplégico;

*Salvador, 2002 - Um adolescente de 17 anos matou duas colegas com um revólver .38 dentro da sala de aula, no colégio Sigma, em Salvador (BA). Segundo testemunhas, o ato foi uma vingança porque as duas vítimas teriam dado uma nota baixa para o agressor em uma gincana escolar. O revólver usado pelo adolescente era do pai dele, um agente de segurança pública.

Da mesma forma que aquela lista de mais de mil casos elenca qualquer incidente que tenha acontecido com armas de fogo, essa, aqui, segue uma premissa parecida e ainda adiciona os atentados com armas brancas; armas brancas estas que são definitivamente mais fáceis de serem adquiridas em nosso país, principalmente se compararmos com as armas de fogo, já que não possuem nenhum tipo de restrição para aquisição (ao menos que seja devidamente e aparentemente fiscalizado). Entre as situações envolvendo armas brancas, lembrada no texto, encontramos a situação em Corrente, 2011, com uma vítima.

Seguindo com a lista dos atentados que foram citados pelo jornal, podemos perceber que a maioria, entre os perpetrados com armas de fogo, segue com poucas casualidades, principalmente se compararmos com os eventos de Columbine, Virginia Tech ou mesmo alguns outros de menores expressões nos Estados Unidos. Esses, inclusive, três os casos dos que mais destoam da situação de poucas vítimas ou feridos e, se nós decidimos trabalhar com situações de *mass shooting* – entendendo a expressão como mais do que a tradução simplista por “tiroteio” ou “massacre” –, três são os casos que mais chamam atenção: Taiúva, Realengo e Suzano.

Certamente, entre os três casos supracitados, e considerando que nossa intenção em um segundo momento será pensar as informações através da cobertura midiática nacional, a situação em Taiúva, em 2003, é a mais destoante do grupo (considerando a falta de casualidade e o que pareceu ser o pouco interesse do meio midiático). Em cidade a 370 km de São Paulo, e perpetrado pelo ex-aluno da instituição atacada, Edmar Aparecido Freitas, de acordo com a folha de Londrina¹⁴, em publicação feita no próprio ano de 2003 no site do jornal, atirou catorze vezes em nove pessoas, sendo sete estudantes, a vice-diretora e o marido da zeladora. Por fim, o atirador teria se suicidado no evento que ocorreu dentro da Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz. A ocorrência, apesar da quantidade de feridos, ficou sem fatalidades. Dito isso, ainda que

¹⁴ Buscas por uma notícia sobre o caso em jornais “O Globo” foram infrutíferas.

<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/moradores-de-taiuva-estao-chocados-com-atentado-a-escola-432987.html> último acesso em: 26/06/2022

não tivéssemos encontrado facilmente notícias publicadas sobre a situação no mesmo ano do atentado em jornais de maior expressão, acabamos por localizar, com postagem em 2019, uma reportagem¹⁵ sobre o ocorrido no G1, da Globo.com, em uma lembrança motivada pelo ataque mais recente, o de Suzano, como lemos nos primeiros parágrafos após a linha fina:

O ataque que deixou dez mortos na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano (SP), na manhã desta quarta-feira (13), fez a população de Taiúva (SP) lembrar o horror vivido há 16 anos, quando um jovem de 18 anos atirou nos colegas e nos funcionários da Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz.

Armado com um revólver calibre 38, o estudante Edmar Aparecido de Freitas atirou 15 vezes e feriu cinco alunos, um zelador e a vice-diretora. Ele se matou em seguida com um tiro na cabeça. Um dos adolescentes ficou tetraplégico.

O professor Francisco Berci, que trabalhava na escola na época do ataque, diz que é impossível esquecer a tarde de 28 de janeiro de 2003. Segundo ele, as lembranças ficam ainda mais intensas quando se depara com casos como o registrado em Suzano.

“Eu tenho as piores memórias. É uma tragédia, principalmente numa cidade como a nossa. Em qualquer lugar, aquilo é uma tragédia. Você nunca mais esquece, nunca mais vai ser apagado. Ameniza um pouco com o tempo, mas você nunca mais esquece. Sempre que acontece um fato no Brasil ou fora do Brasil, Taiúva é lembrada.”

A isso segue a explicação com as supostas motivações do atirador: teria sido o bullying, praticado pelos colegas, desse jovem com problemas de peso, que o fez entrar com uma pistola no colégio onde tinha se formado no ano passado e se suicidar, após escolher as vítimas “com cautela antes de atirar”, ainda com 89 munições intactas. Poucas linhas, nos textos por nós localizados, se preocuparam em ir um pouco além disso. Contudo, os casos de Realengo e Suzano, este último – como dito – despertando a mídia para o acontecimento de Taiúva, décadas antes, talvez por apresentarem mais *casualties* ou maior demonstração de violência por parte dos atiradores, acabaram apelando mais para o sensacionalismo midiático e conseguiram maior exposição.

Sem dúvidas, algo que podemos apontar nas diferentes notícias que elencamos – o discurso do então presidente norte-americano na época do massacre em Columbine – é uma certa cegueira em relação ao problema das vendas e aquisições de armas. Claro, isso ocorre, principalmente, nos Estados Unidos da América já que, até o momento dessa nossa redação, o Brasil ainda

¹⁵ <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/03/13/piiores-memorias-diz-professor-ao-lembrar-ataque-ocorrido-ha-16-anos-em-escola-de-taiuva-sp.ghtml> último acesso em: 26/06/2022

detém alguns entraves e impedimentos legais ao acesso de armas de fogo e munição para qualquer tipo de civil. Este, sem dúvida, não parece o único ponto de cegueira ou negação midiática que ainda envolveria todo um reducionismo em relação a saúde mental que, quando não a ignora, relega a ela um espaço irrisório de importância em uma sociedade cada vez mais corrompida por um capitalismo parasitário e desenfreado. Já se perguntava Marx, parafraseando Peuchet:

Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens. (MARX, 2006, p. 28)

Arremataria Löwy, em seu “Um Marx insólito”, ensaio que introduz a edição brasileira do *Sobre o suicídio*, que cada indivíduo estaria isolado dos demais, sendo um entre milhões, “numa espécie de solidão em massa. As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco” (ibidem, p. 16). O que vemos são diferentes camadas de cegueiras se perpetuando através da imprensa e que causa o impedimento de olhar para esses problemas do sistema andando junto e de mãos dadas com a negação destes e, assim, em vez de culpar as armas – uma indústria que cresce muito graças ao lobby político – ou os malefícios de um sistema que cria toda uma estratificação social marginalizando aqueles que não estão no alto da pirâmide ou que por qualquer motivo estão fora dos padrões socialmente impostos e aceitos.

Sobre isso, há o silêncio; a necessidade de evitar a discussão em torno desses tópicos e construir hipóteses em torno de diversos bodes expiatórios, como visto principalmente nas análises midiáticas sobre as motivações de Eric David Harris e Dylan Klebold, os atiradores de Columbine. Também em vez de entrar em sérias discussões sobre psicopatologias sociais com a massa, eram os agentes, principalmente, as músicas e os videogames que, por sua vez, ainda aceitaria uma discussão dessa lógica capitalista e neoliberal onde o culpado é o ócio, a cultura de um não-trabalho... uma diversão; um hobby; um passatempo que precisaria ser eliminado por ser perigoso para a vida em comunidade. E, aqui, lembramos um outro tipo de suicídio, muito famoso na cultura oriental, a morte voluntária daqueles em idade avançada que não mais possuem serventias como mão de obra, para a renda e manutenção da casa e do eixo familiar. Finalmente, percebemos que trazemos mais hipóteses e discussões possíveis do que certezas e, dessa forma, levantamos uma última pergunta sobre a possibilidade de subverter esse

pensamento e lógica da leitura midiática para mostrar o quão necessária é a existência desses jogos e dessas músicas como atividades para eliminar o ódio; para extravasar as emoções desses indivíduos solitários, “vítimas e carrascos”, considerando os quantos milhares de seres humanos fazem uso desses jogos “de matar gente” e quantos, de fato, uma quantidade ínfima e irrisória – mas costumeiramente espetacularizados quando ocorrem – chegam nas vias de fato. O que seria, então, da ordem da cultura da violência e o que é a violência transformada em cultura?

Referências bibliográficas:

BROOKS, Brown. No Easy Answers: The Truth Behind the Murders at Columbine: The Truth Behind Death at Columbine. US: Lantern Books, 2004.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MARX, Karl. Sobre o suicídio. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MENNINGER, Karl. Eros e Tânatos: o homem contra si mesmo. São Paulo: Ibrasa, 2010.

SOLOMON, Andrew. Demônio do Meio-dia: uma anatomia da depressão. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

STENGEL, Erwin. Suicídio e Tentativa de Suicídio. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1980.